

TESTEMUNHOS FÍSICOS DE ESTRUTURAS ASSISTENCIAIS PRESENTES NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758

MATERIAL TESTIMONIES OF ASSISTANCE STRUCTURES PRESENT IN MEMÓRIAS PAROQUIAIS, 1758

Lina Maria Marrafa de Oliveira

CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
oanil@sapo.pt

RESUMO

Este estudo assenta de modo exclusivo na importante fonte documental que são as Memórias Paroquiais que resultaram do inquérito ordenado em 1758 pelo Marquês de Pombal. Procedeu-se ao levantamento e transcrição paleográfica de todos os registos referentes a hospitais, Misericórdias e outros estabelecimentos assistenciais, contidos nos depoimentos respeitantes às 4073 Freguesias do país, sendo encontrados os pretendidos registos em 398 Freguesias, com indicação de localização de hospitais e/ou Misericórdias e/ou Albergarias ou outros estabelecimentos de assistência. Na maior parte dos casos os mesmos possuem informações adicionais, que se revelaram do maior interesse para este estudo, não só em termos panorâmicos, mas proporcionando estudos parcelares em âmbitos diversos da mesma temática.

PALAVRAS-CHAVE

Hospital | Albergaria | Misericórdia | Assistência | Utilizador

ABSTRACT

This study is based exclusively on the very important documentary source of the Parish Memories, resulting from the inquiry ordered in 1758 by Marquês de Pombal. A systematic paleographic survey and transcription of all records referring to hospitals and Mercies was carried out, and the testimonies of the 4073 Parishes of the country were reviewed one by one. The intended testimonies were found in 398 parishes, indicating that there were hospitals and/or mercies and/or hostels or other assistance establishments, that offers many and very interesting kinds of information for this study in general, as well as it may provide partial studies in multiple fields of the same theme.

KEYWORDS

Hospital | Care Home | Mercy | Assistance | User

Este artigo tem como objetivo fundamental desvendar parte do nosso trabalho realizado como bolseira de investigação no Projeto *Hospitalis*¹, que foi alicerçado na importantíssima fonte documental que constituem as *Memórias Paroquiais*², resultantes do inquérito pombalino determinado em 1758 e destinado a ser respondido pelos Párocos de todas as Freguesias do reino. Este é um testemunho ímpar e fonte inesgotável para o conhecimento da realidade territorial, social, económica, agrícola, cultural e religiosa, setecentista do pós-terramoto.

A investigação teve como desafio e principal finalidade de um primeiro corpus de instituições assistenciais à escala do país, numa cronologia determinada, que permita a criação de bases sólidas que para sustentar e avançar para uma pesquisa mais alargada sobre a existência material de estabelecimentos hospitalares na época moderna. Os elementos recolhidos na *Memórias Paroquiais* serão alvo de uma análise própria, seguindo-se o cruzamento com informações colhidas noutras fontes primárias e de âmbito cronológico mais alargado, que já se encontra em curso, e que implicará um levantamento documental sistemático em diversos fundos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Nesta fase, a investigação contabiliza perto de um milhar de documentos pesquisados, lidos, resumidos e elencados a partir do Corpo Cronológico, Chancelarias Régias, Núcleo Antigo, Conselho da Fazenda, Gavetas, Feitos da Coroa, Armário e Cartório Jesuítas, diversos arquivos particulares, arquivos de ordens religiosas, Fragmentos, Mesa da Consciência e Ordens, etc. O objectivo é proporcionar um maior e mais profundo entendimento da realidade e evolução das instituições assistenciais portuguesas e temáticas correlacionadas com estas, entre os séculos XV e XVIII.

Toda a pesquisa arquivística tem como objetivo primeiro encontrar documentos capazes de comprovar e/ou elucidar diversos aspetos acerca de personalidades, instituições, acontecimentos e obras materiais conferindo cientificidade aos estudos históricos. Buscar, ler e transcrever com rigor e regras adequadas, entender, ordenar e comparar as informações veiculadas pelos documentos é parte integrante e obriga-

tória do trabalho do investigador, a que se segue a análise com sentido crítico, colocando questões e obtendo as respetivas respostas dos documentos.

Deste modo, e no que às *Memórias Paroquiais* concerne, o ponto de partida foi proceder ao levantamento e transcrição paleográfica sistemática de todos os registos referentes a hospitais, Misericórdias e outras estruturas assistenciais, percorrendo um a um os depoimentos referentes às 4073 Freguesias que integram os 43 volumes manuscritos da obra³, na busca das informações que foram solicitadas pelo Marquês de Pombal e produzidas pelos Párocos das ditas Freguesias acerca desta temática, e que são as que estão contidas nas respostas às perguntas 11 e 12 do questionário pombalino, a saber:

“Se tem Hospital, quem o administra, e que renda tem?”

“Se tem casa de Misericórdia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e o que houver notável em qualquer destas coisas?”

Assim, foi necessário realizar uma pesquisa e leitura metódica das referidas respostas na totalidade da obra, volume a volume, Freguesia a Freguesia, o que nem sempre foi linear, pois, por vezes, aquelas não estão bem identificadas ou surgem miscigenadas com outras respostas e até deslocalizadas da ordem que fora determinada.

No final, foram encontrados os pretendidos registos em 398 Freguesias, com indicação de que aí se localizavam hospitais e/ou Misericórdias e/ou Albergarias ou outros estabelecimentos de assistência, na maior parte dos casos com alguma informação complementar que se revelou do maior interesse para este estudo.

À medida que iam sendo identificados, os registos foram devidamente referenciados e transcritos, ficando a constituir um *corpus* documental que virá a permitir não só um conhecimento panorâmico das estruturas e sistemas assistenciais portuguesas no século XVIII, como proporcionar estudos parcelares em diversos domínios da mesma temática.

1 Projecto “*Hospitalis* – Arquitectura Hospitalar em Portugal nos Alvares da Modernidade: identificação, caracterização e contextualização” (PTDC/ART-HIS/30808/2017), ARTIS, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

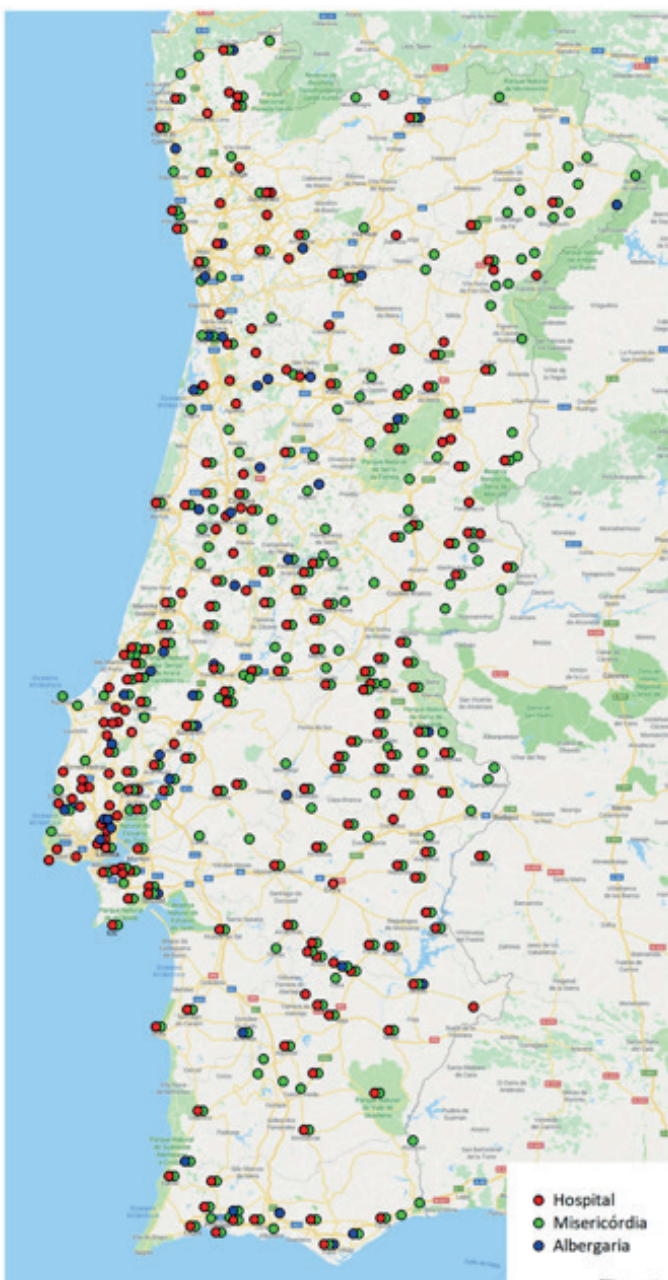
2 Torre do Tombo (ANTT) *Memórias Paroquiais do Padre Luís Cardoso ou Dicionário Geográfico*, 44 vols., 1758.

3 O 44.º volume contém o Índice da obra.

Ergamos, então, uma ponta do véu sobre a realidade e utilidade dos conteúdos em estudo, transcritos das *Memórias Paroquiais*.

Logo à partida, esta pesquisa conduziu à identificação e conhecimento da localização precisa dos referidos estabelecimentos, que agrupámos de forma genérica em Hospitais, Misericórdias e Albergarias, o que fez com que fosse possível referenciá-los num Mapa com as suas localizações tornando-os, assim, realidades visíveis no espaço do território português continental (fig. 01).

Fig. 01. Mapa de Localização dos Estabelecimentos Assistenciais registados na Memórias Paroquiais



Através desta marcação no terreno, podemos constatar que a maior concentração das instituições hospitalares se verifica, como é natural, nas principais cidades e vilas do reino e respetivos termos, mas também nas faixas litorais, área raiana e ainda alinhadas ao longo daquilo que constituiria a rede viária da época, tanto no sentido Sul-Norte, como ligando o litoral ao interior. Os estabelecimentos estavam implantados nos trajetos mais utilizadas em termos comerciais e religiosos, tendo, neste âmbito, as peregrinações um peso notável, não só realizadas dentro do país como, fundamentalmente, as que se dirigiam a Santiago de Compostela.

Estas instituições proporcionavam assistência e abrigo a quem se deslocava entre centros devocionais, vilas e cidades, mas também a quem ia em busca de um auxílio mais eficaz na doença, pois as *Memórias* dão conta da existência de algumas estruturas em pequenas localidades e pontos intermédios das referidas redes viárias, que podemos classificar em termos funcionais como de transição ou transbordo entre os estabelecimentos assistenciais mais importantes.

Por exemplo, no Bombarral e Cercal (Cadaval) existiam instituições onde se acolhiam temporariamente os doentes que iam e vinham do Hospital das Caldas; em Muge assistiam-se os enfermos que se deslocavam a caminho do Hospital de Santarém; em Loures e no Lumiar existiam estruturas para recolhimento de quem se dirigia para o Hospital Real de Todos-os-Santos, de Lisboa; assim como na Enxara do Bispo, de onde se remetiam doentes para o lugar da Sapataria, que os recolhia e mandava para outro hospital e assim sucessivamente, até chegarem à capital. Algumas Casas de Misericórdia também proporcionavam acompanhamento a quem necessitava de se deslocar em busca de assistência e tinha dificuldades de locomoção, disponibilizando mesmo uma cavalgadura ou besta para o transporte até ao hospital mais próximo.

Para além da distribuição geográfica, os conteúdos textuais dos registos abordam e destacam determinadas realidades, que levaram à criação de uma base de dados, provisória, mas que será desenvolvida no decurso do Projeto, onde as informações transcritas foram vertidas, organizadas de acordo com os seguintes campos, que foram elencados de

forma idêntica para as tipologias Hospital, Misericórdia e Outros (Albergarias, Recolhimentos, etc):

Localização (Freguesia / Comarca)

Origem

Dependências

Equipamentos

Utilizadores

Tipo de assistência

Administração

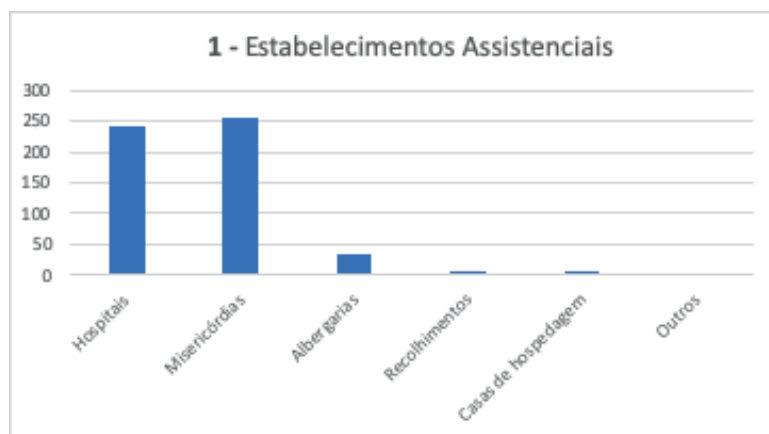
Rendas

Cabe aqui notar que, em termos das informações escritas pela mão dos Párocos, estas possuem, em termos gerais, pesos e características bastante irregulares, pois, apesar dos autores estarem perante testemunhos físicos e materiais, em contextos por si vivenciados e, à partida, bem conhecidos, são notórias diferenciações de âmbito expositivo, intelectual e cultural, e até de graus de interesse e níveis de sensibilidade, que transparecem dos seus textos. Uns são muito objetivos e assertivos, revelando mesmo alguma preocupação de investigação, como, por exemplo, em relação à origem do estabelecimento, outros mais descritivos e laudatórios (por exemplo, quando falam das igrejas e capelas que estão anexos ao estabelecimento hospitalar, aquelas merecem mais atenção que este), por oposição a alguns demasiado lacónicos e mesmo falhos de informação, e outros, ainda, imprimindo a tónica em determinados aspetos, como uma fundação régia e uma renda elevada, em detrimento de outros, como os aspetos arquitetónicos e assistenciais, que chegam a ser completamente ignorados, revelando parcialidade nos seus juízos.

Mesmo assim, partindo dos conteúdos transpostos para a base de dados, foi então possível realizar a análise, contabilização e caracterização das tipologias dos estabelecimentos assistenciais, conhecer, pelo menos em parte, a sua arquitetura, as dependências que os compunham e os equipamentos de que dispunham, os assistidos que recebiam, o tipo

de assistência disponibilizado e efetivamente ministrado, e ainda alguns aspetos de cariz administrativo e financeiro.

De acordo com os testemunhos escritos nas *Memórias Paroquiais* existiam, em 1758, em Portugal continental 243 hospitais, 255 Casas de Misericórdia (40 das quais com hospital integrado), 35 albergarias, 6 recolhimentos e 7 casas de hospedagem. (v. Gráfico 1 – Estabelecimentos Assistenciais)



Em relação às estruturas arquitetónicas e dependências que constituíam estes hospitais, a maior parte compunham-se apenas de uma ou duas casas, raramente mais, sem qualquer outra descrição ou comentário feito por parte da generalidade dos autores, sendo muito poucas as vezes em que emitem juízos de valor em termos arquitetónicos e artísticos acerca das mesmas.

Algumas destas casas são classificadas apenas como pequenas, pobres, térreas, de pobre arquitetura, arruinadas, alagadas, danificadas e impróprias, testemunhando ainda a existência de hospitais instalados em palheiros, sótãos, alpendres e “lógias”. Mais sorte tinha o Hospital de Santa Cruz do Cartaxo, pois estava instalado num “(...) *Cazarão extraordinario, e antiquissimo firmado em muros de tijollo, por modo de naves (...)*”⁴.

Embora pouco numerosos, alguns Párocos concederam mais atenção aos hospitais da sua Freguesia, por serem edifícios grandiosos e notoriamente mais destacados, não só em termos artísticos como operativos, no compute do panorama nacional da época. Este aspeto deu origem à produção de descrições bastante pormenorizadas, que nos permitem visualizar os

estabelecimentos e aferir a sua dimensão e qualidade material, espacial e funcional, destacando sobretudo o facto de serem bem iluminados e arejados e com vistas aprazíveis.

O Hospital de Lamego é dos que merece maiores enclausuramentos, epitetado de *“Sumptuozo, E magnifico Hospital, Com huma notavel galaria de dous andares de janellas: as de bayxo de perpeanho Com assentos, E as de sima de sacada Com suas grádes de ferro pintadas, E bollas douradas; obra maravilhosa (...)”*, a quem o autor desta Memória dedica cinco páginas, aqui reduzidas às passagens que contêm os elementos mais relevantes, como as dimensões, as enfermarias que o compunham, elementos arquitetónicos mais relevantes, aspetos funcionais, equipamentos, prática assistencial e tipos de males que aí se curavam, tal como se segue⁵: é *“(...) de grande Comprimento, E Largura e logo à Entrada da parte principal (que fica para o Sul) tem huma fermoza Sálla, Com duas grandes janellas de perpeanho, E assentos da parte dos Lados da ditta porta. Em a qual há Revista pelos Medicos, E Syrurgioens dos doentes, que se hão de Curar nas Enfermarias do mesmo Hospital”*.

Descreve em seguida a capela do hospital, à direita da qual fica uma grande enfermaria onde se curam mulheres do “mal venéreo”, seguindo-se uma sala *“(...) de igual grandeza (que serve de botica) primorozamente petrexada de todos os Remedios necessarios: tambem Com duas grandes janellas para o mesmo Rio Coura: nas Costas desta Salla fica outra Enfermaria, tam grande, como a das mulheres (...)”* para homens enfermos do mesmo mal, tendo ao meio *“(...) huma porta, que sae para huma Larga, E grande Varanda, que fica sobre o quintal do hospital, E Rio Coura: no principio da qual tem hum quarto, E no fim outro que servem de acomodação ao boticario; Subterraneo a Estas Sallas Estão varias Logeas Com fréstras para o ditto Rio, que Servem humas de Recolher immencidades de galinhas, E outros varios trastes, necessarios ao hospital, E botica: tem outra caza para o mesmo effeyto.*

Nas Costas da Salla do meyo debayxo de hum grande arco de pedra lavrada, sobem duas Escadas da mesma pedra, Cada huma por sua parte, que tem seo Rematte Em hum patim Com outra Escada de parapeytos (tudo de pedra Lavrada) que pelo meyo Sobe

para as Salas, E enfermarias de sima; E sobre o tal patim Cáe huma varanda, que tem serventia para a grande Cozinha, E duas Enfermarias; E assim aquella Como as trez Escadas sam alumeadas por duas Claras-boyas de Vidraças, que ficão sobre o tecto.

Entrando a porta da Galaria de Sima se Encontrão trez Sallas, que ficam sobre as de bayxo, E tem o mesmo ambito; Cada huma com duas janellas de Sacada, que Cáem Sobre a Ponte, E Rios pela da mam dereyta Se Entra para a Enfermaria das mulheres; a qual tem de Cada banda oyto belixes de Estuque, com suas portadas de talha; E por Sima Com perfeytos Remattes E pyramides da mesma talha; Cada belixe tem Seos quáteres E camas (Excepto dous do meyo) que hum Serve de dar Luz à enfermaria por huma grande janella, que tem toda de grades de ferro (que fica Sobre hum páteo, E Rua da Encosta) E a outra defronte Serve de Expedição para a Cozinha, E varanda”.

Do lado esquerdo, a Enfermaria dos homens tem *“(...) outros oyto belixes de Estuque, de Cada banda preparados Como os das mulheres (Exceptos outros dous e meyo, que hum tem Sahida para huma varanda Igual à de bayxo Com os mesmos dous quartos no principio, E fim para acomodação dos Serventes; E o outro defronte tambem Serve de Expedição para a mesma Cozinha, E varanda que Cáe sobre as Escadas; E assim Estes, Como os belixes da Enfermaria das mulheres tem suas portas Em dereytura, pela parte de trás para Serventia, E melhor Expediente dos Enfermos; E assim huma Como outra Enfermaria tem no fim huma grande janella, que fica olhando para o Norte Com Seos ocullos de Vidraças, por Sima”*⁶.

Embora mais modesto, o Hospital de Sines suscitou especial atenção do Pároco local, que destacou a sua recente reedificação com o patrocínio real, substituindo as anteriores *“(...) quatro Cazas terreyas mal preparadas, e com muitas Ruinas, e pouco commodo para os infermos, por novas Cazas desde os seus cimentos, e se Levantarão nellas sobrados, de Sorte, que para os infermeyros ficarão duas Cazas altas, e quatro baxas, e para os infermos duas enfermarias huma alta, e outra baixa, na baixa tem tres Leytos, e na alta quatro separados huns dos outros, apainelados, como tambem os corredores das enfermarias, em cujos Leytos ha a Roupa necessaria para as camas*

⁵ ANTT, *Memórias Paroquiais, Sé, Lamego*, v. 19, n. 42, pp. 250–255.

⁶ ANTT, *Memórias Paroquiais, Sé, Lamego*, v. 19, n. 42, pp. 250–255.

dos enfermos, do que até'gora havia grande falta. Tem huma varanda para a parte do Sol para Recreyo dos Convalescentes; huma Sala Logo na entrada aonde se aseytão os enfermos, e huma Caza terreyra de fora com ximiné, e tarimbas para Commodo dos pobres passageyros e viandantes (...). A Igreja do Espírito Santo está junta ao Hospital com o qual comunica *"(...) por dentro com as enfermarias, da qual se pode dar o viatico aos enfermos: Tem porta para o choro na enfermaria alta para os convalescentes ou virem Missa (...)"*⁷.

Igualmente reconstruído foi o Hospital da Casa da Misericórdia de Elvas, por ser o *"(...) antiguo quasi subterraneo, e por isso pouco sadio (...)"*⁸, pelo que foi demolido e erguido um novo com toda a perfeição, entre 1742 e 1752, por ordem de D. João V e à custa da Real Fazenda. Enquanto a obra decorria os doentes estiveram instalados num armazém que ficava defronte do estabelecimento.

O autor da Memória não poupa elogios à arquitetura do novo hospital, dotado de três enfermarias *"(...) excelentes Com formosas janellas de finos marmores, todas em correspondencia com suas grades de ferro. A primeira enfermaria para clérigos e pessoas nobres dedicada aos Apostolos São Pedro e São Paulo; A segunda para os pobres dedicada à Vizitação de Nossa Senhora a Sancta Elisabeth; a terceira para molheres dedicada a Nossa Senhora do Emparo (...)* Sobre o portico, que hé excelente de fino e bem Lavrado marmore, stão as armas Reaes, e sobre ellas huma perfeita imagem de Nossa Senhora do Emparo da mesma pedra primorosamente Lavrada".

Daqui se subia *"(...) por huma bem formada escada de Cantaria de hum só Lance athe ao meio (...)* Neste meio se divide a escada em 2 Lances para os Lados, por hum dos quais se entra para huma enfermaria; e pelo outro para o Consistorio (...) Debaxo das enfermarias e Consistorio ficão muitas Cazas que servem para depejos, Celeiros, e botica d'esta Sancta Casa"⁹.

De uma forma geral, contudo, no que respeita às dependências e aos equipamentos existentes dentro dos hospitais, estes são aspetos raramente mencionados, o que é revelador da existência de muitas e graves carências. Só os hospitais de maior dimensão, onde

se incluem os acima referidos, possuíam enfermarias, e apenas algumas com repartimentos e salas separadas para homens e mulheres. Encontram-se ainda esparsas referências à existência de dormitórios, quartos ou cubículos, casas com camarotes, salas de convalescença, oficinas, boticas e celeiros. Quanto aos equipamentos e mantimentos poucos são os contemplados com camas ou leitos, enxergões, colmos, tarimbas, catres, roupas, mantas, fogo, azeite para lâmpadas, água, sal e cera.

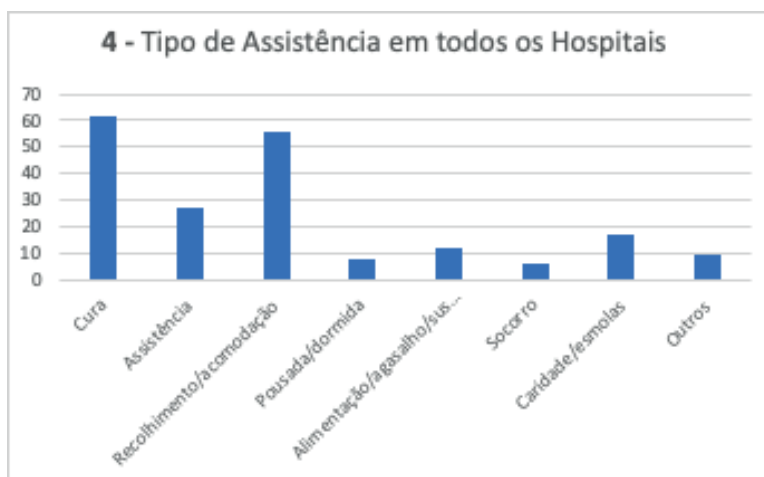
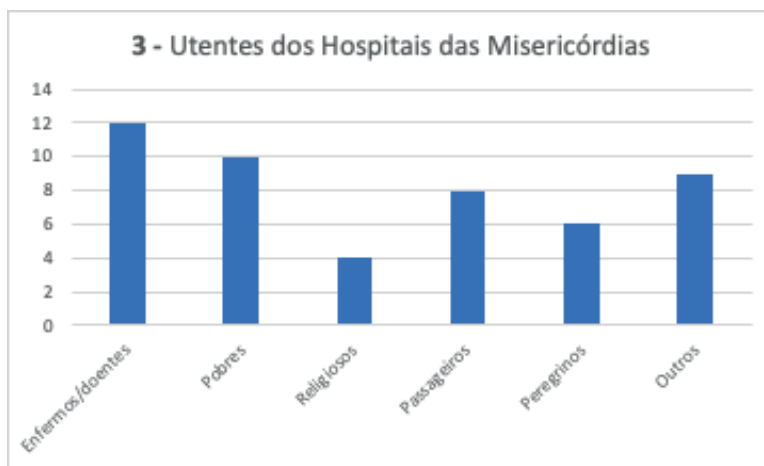
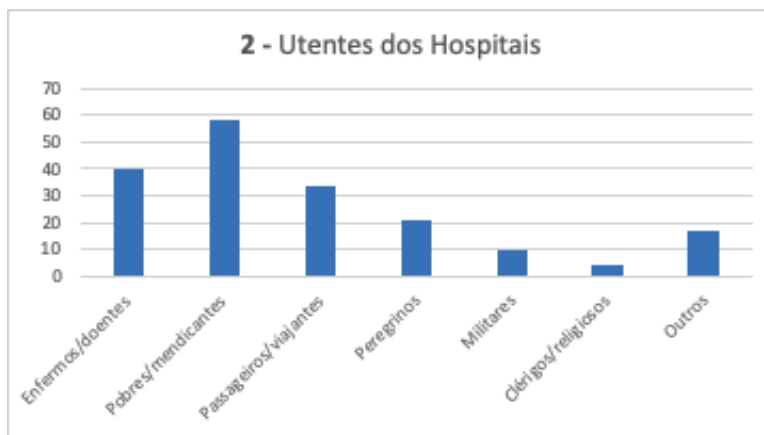
É por demais notório que a maior quantidade dos assistido recebidos nos hospitais (sempre designados de forma simplista, sem qualquer alusão a um tipo específico de hospital) e nas Misericórdias com hospital integrado são os pobres (58 em hospitais e 10 em hospitais das Misericórdias) que, na realidade, em termos práticos, estamos em crer, ultrapassam em muito esta contabilização, porque a maioria dos "enfermos" ou "doentes" (40 em hospitais e 12 em hospitais de Misericórdias) que são referenciados pelos Párocos como destinatários de determinados hospitais, tem à frente o adjetivo "pobre" (v. Gráfico 2 - Utentes dos Hospitais; v. Gráfico 3 - Utentes dos Hospitais das Misericórdias). O mesmo acontece com os denominados "passageiros", "viajantes" ou "viandantes", acolhidos em 42 hospitais (sendo 8 de Misericórdias), a muitos dos quais se adiciona igualmente o epíteto de "pobre", tal como os "peregrinos" aos quais 27 hospitais, dos quais 6 pertencentes a Misericórdias abrem as portas. Uma exceção a esta realidade é o Hospital da Misericórdia de Elvas que recebe doentes pobres, mas os que podem pagar fazem-no, entregando 150 réis por dia à instituição.

Em menor número eram os estabelecimentos que se destinavam em exclusivo a militares, a saber, 10 hospitais localizados nas Freguesias que possuíam praças fortes, como em Almeida, Caminha, Cascais, Chaves, Lagos, Monção, Moura, Penamacor, Salvaterra do Extremo e Viana do Castelo. Existiam ainda 8 para clérigos e religiosos e 26 estabelecimentos que acolhiam outros tipos de utentes, como estudantes (Évora), vagabundos, mendigos, velhas e velhos, incuráveis, entrevados, mulheres e viúvas, irmãos da Misericórdia.

7 ANTT, *Memórias Paroquiais*, Sines, Ourique, v. 35, n. 177, pp. 1314–1326.

8 ANTT, *Memórias Paroquiais*, Sé, Elvas, v. 13, n. 51 / (14E), p. 77.

9 ANTT, *Memórias Paroquiais*, Sé, Elvas, v. 13, n. 51 / (14 E), pp. 76–78.



No computo geral do tipo da assistência prestada pelos hospitais em meados da centúria de setecentos, é interessante verificar que a “cura”, disponibilizada em 62 estabelecimentos, não era, digamos, o “tratamento” mais aplicado, embora devamos ter em atenção que quando os Párocos referem que em determinados hospitais se ministra “assistência”, sem qualquer especificação (que se prestava em 27 casas), possa estar evidentemente implícita também a cura (v. Gráfico 4 - Tipo de Assistência em todos os Hospitais).

É curiosa e importante também a constatação que, nesta época, os hospitais se destinavam ainda e sobretudo a “recolhimento” ou “acomodação” (fornecida em 56 hospitais); “pousada” ou “dormida” (em 8); “alimentação”, “agasalho” ou “sustento” (em 12); socorro (em 6); “caridade” ou “esmolas” (em 17); e outros, como descanso, transporte, criação, banhos, etc. (em 9). Esta realidade constitui um indício de que a maioria dos hospitais setecentistas continuava a percorrer um longo e moroso caminho assistencial que, na Idade Média, foi iniciado pelas albergarias, hos-

pedarias e estabelecimentos similares, e que os autores das *Memórias Paroquiais* testemunham estarem na origem de muitos destes hospitais, para além dos numerosos de que se ignora o seu princípio ou se refere apenas serem antiquíssimos, e de outros provenientes de legados, fundações régias e particulares.

Quando às albergarias, propriamente ditas, registadas nas *Memórias*, as mesmas continuavam a destinar-se a pobres, peregrinos, passageiros, religiosos e seculares mendicantes (no sentido que esmolavam para seu sustento) e raramente e enfermos (nestes casos apenas os que estavam em trânsito para determinados hospitais, sobretudo Caldas e Lisboa). Aqui encontravam agasalho, pousada, recolhimento, ceia, dormida e por vezes esmola. Algumas albergarias dispunham de camas e roupas e outras proporcionavam algum tipo de assistência, por vezes com auxílio de um albergueiro, de uma mulher ou de um caseiro.

Nos hospitais a “cura” e outros tipos de assistência eram ministradas, apenas nalguns casos, por físicos, médicos, cirurgiões, sangradores, enfermeiros, enfermeiras e boticários que integravam os estabelecimentos, presentes sobretudo nos maiores, ou eram contratados, para além de também se registar a colaboração de hospitaleiros e hospitaleiras, de religiosos de S. João de Deus, de mordomos, serventes e criados.

Outros serviços prestados, por um menor número de estabelecimentos, eram ainda o “descanso”, a “criação” de enjeitados, o “transporte” já referido entre hospitais e para quem estava munido de Carta de Guia das Misericórdias, um documento que era passado no caso de ser necessário deslocar o doente, e ainda os banhos, de que o Pároco da Freguesia do Banho (S. Pedro do Sul) faz uma curiosa descrição que merece lugar destacado, pela sua especificidade, já que trata de um tratamento do tipo termal: “(...) *Tem hum tanque grande para homens, em que caberão quarenta e mais pessoas. outro Retirado para mulheres em que caberão oyto ou des. vem a agoa para estes Tanques por cano de pedra de distancia de tiro de mosquete, adonde nasce com calor tão activo, que por nenhum tempo se tolera a maom dentro e em tanta copia, que com a que se junta de varioz nascentes no mesmo sitio, pode moer hum moinho. Entre estes nascentes brota huma fonte de que os Mo-*

radores uzão para os ministerios domesticos por sahir a agoa com calor idoneo pra todo o vzo”¹⁰. A assistência peculiar que aqui se proporcionava aos utentes era dada não só por um médico, mas também por um banheiro, com ordenado.

Encontramos ainda menção a tratamentos para doenças singulares a que se dedicavam alguns hospitais, que parece terem-se especializado nas mesmas, ao contrário de outros que diziam receber qualquer doente, exceto incuráveis.

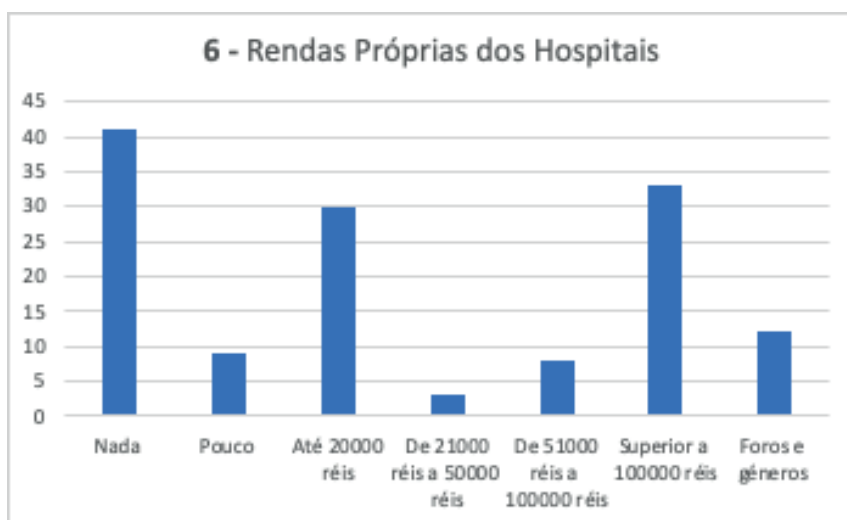
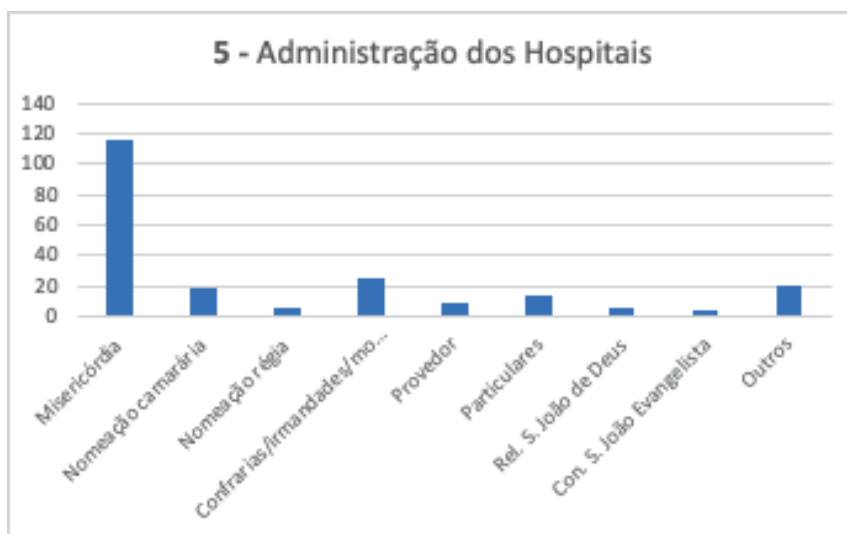
No hospital de Vila do Conde tratava-se “febre e dores de cabeça”, e o da Misericórdia da Freguesia de S. Bartolomeu de Vila Viçosa, era o único no país que curava o “mal de ventres” que se fazia sentir na Primavera e no Outono, erigido e dotado pelos duques de Bragança, pago pelo Almojarifado da vila, mas cujos títulos desapareceram no incêndio que se seguiu ao terremoto, cessando as curas do dito mal, “(...) *com grande perjuizo dos pobres, que morrem faltos de Remedio, não havendo em toda esta Provincia outro algum hospital, em que se fação similhantes Curas* (...)”¹¹.

Relativamente à administração destes estabelecimentos, os Hospitais arrolados nas *Memórias Paroquiais* encontravam-se, à época, na maioria sob o governo e gestão financeira das Casas de Misericórdia locais, na figura do seu Provedor e Mesa, o que acontecia em 116 dos estabelecimentos hospitalares, instituições para as quais esta pasta foi sendo progressivamente passada ao longo do séc. XVI, por ordem régia de anexação (v. Gráfico 5 – Administração).

As razões apontadas pelos Párcos para esta mudança são sobretudo as rendas muito baixas de alguns hospitais, o que é atestado pelos dados que revelam nas *Memórias*. Muitos estabelecimentos não dispunham de renda própria, o que sucedia em 41 hospitais, ou então era a mesma muito pouca “diminuta” ou “ténue”, em 9, dispondo a grande maioria de rendas inferiores a 100.000 réis, valor que apenas 33 casas conseguiam ultrapassar. Alguns, ainda, não possuíam qualquer renda fixa e apenas o proveniente de foros e determinados géneros e frutos da terra (v. Gráfico 6 – Rendas Próprias dos Hospitais).

10 ANTT, *Memórias Paroquiais*, Banho, Viseu, v. 42, n. 28, pp. 13, 14.

11 ANTT, *Memórias Paroquiais*, S. Bartolomeu, Vila Viçosa, v. 40, n. 271a, pp. 1666–1667.



Para além disto, não se coibiram alguns dos autores das *Memórias* de denunciar a má administração e gestão danosa de quem foi tendo a responsabilidade de administrar os estabelecimentos hospitalares, que teve como resultado a total ausência ou grave diminuição das rendas, apresentando-se a Misericórdia como uma instituição forte e fidedigna, com créditos firmados e uma vasta experiência que fizeram desta instituição um verdadeiro pilar de sustentação e regularização da assistência em Portugal durante vários séculos.

Fora do governo da Misericórdia, resistiam apenas 19 hospitais com administradores nomeados pela Câmara, 5 pelo rei, 25 sob a tutela de Confrarias, Irmandades e Mordomos, 9 com provedor próprio, 14 com administração particular, 5 pertencentes aos Religiosos de S. João de Deus e 3 aos Cónegos de

S. João Evangelista, e outros 20 de administração diversa (v. Gráfico 5 – Administração).

Para concluir, tendo como base a investigação arquivística, leitura e análise das fontes documentais, que recentemente se iniciou, pretendemos vir a alcançar um mais completo e profundo conhecimento das estruturas assistenciais em geral e hospitalares em particular, entre os séculos XV e XVIII.

Este levantamento temático das *Memórias Paroquiais* permitiu, desde já, ficar a conhecer alguns aspetos relacionados com estes estabelecimentos, e sistematizar informações importantes e elucidativas, acima expostas, sobre a sua origem, instituição ou fundação, a sua fisionomia e estruturas arquitetónicas que os compõem, funcionalidades, equipamentos, utilizadores a que se destinavam, o tipo e diversidade de tratamentos e outros cuidados e quem os

prestava, os ofícios ligados à assistência e saúde, o financiamento e a aplicação das rendas e a sua administração.

As pistas estão lançadas e outras surgirão. Resta segui-las e ir prosseguindo nesta viagem de descoberta,

coligindo todos os materiais que, com a argamassa do conhecimento, irão erguendo as paredes do edifício histórico desde os alicerces até à cobertura. Tarefa árdua, mas o engenho e a força de vontade serão as ferramentas mais adequadas para superar as dificuldades do caminho.

FONTES

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Memórias Paroquiais do Padre Luís Cardoso ou Dicionário Geográfico*, 44 vols., 1758.

PT/TT/MPRQ.

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720>